

## As “donas de casa” e a História da Educação: olhares sobre o poder da narrativa como recurso pedagógico em sala de aula.

*Alexandre de Carvalho Rodrigues da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Quando filósofo Edgar Moran aponta que a missão do ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre<sup>2</sup>, apresenta-nos uma perspectiva onde o processo de ensino-aprendizagem pode estar vinculado diretamente aos caminhos atuais da docência. Neste caso, proponho direcionar nosso olhar para tal missão inserida no atual contexto da docência no Ensino Superior, analisando como acontecem os primeiros contatos dos alunos do 1º semestre do curso de Pedagogia com as exigências metodológicas da realidade acadêmica.

### Novos olhares

Refletir sobre o ensino neste recorte específico, permite-nos entender a importância da prática docente junto desses alunos, “os calouros”, que chegam às instituições particulares do Distrito Federal com ricas experiências de vida e uma diversificada maneira de ver o mundo.

O professor tem se mostrado figura importante e determinante no êxito ou fracasso do processo educativo. Sobre ele recai uma grande responsabilidade quanto aos resultados esperados, sobretudo no que diz respeito à formação de profissionais que atuam no mercado de trabalho. A aceitação das regras do jogo institucional o torna cúmplice na responsabilidade sobre os resultados finais, pois para ensinar não é suficiente conhecer a ciência e seus conteúdos; é preciso saber o que seja educação e como se configura quanto ao homem a educar e quanto ao projeto de uma sociedade justa e desenvolvida<sup>3</sup>.

Contudo, entre “os calouros” o que nos chama a atenção são os casos que porventura se matricularam nos cursos noturnos apresentando outras referências de vida e, sobretudo de ensino. No curso de Pedagogia, por exemplo, cheguei a ter mais de 50 % do total de alunos constituído apenas por “donas de casa”. Segundo seus relatos em minhas aulas, estas senhoras haviam durante muito tempo deixado sua vida de estudos, abraçando outros projetos de vida (casamento, família, mudança de cidade, etc) deixando uma possível

---

<sup>1</sup> Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília. Professor de História nos cursos de Pedagogia e Licenciatura em História das Faculdades Projeção. Professor de Sociologia no curso de Arquitetura e Direito no UNICEUB. Professor de História da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes.

<sup>2</sup> MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 11.

<sup>3</sup> NISKIER, Arnaldo. LDB: a nova lei de educação. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

continuação dos estudos e formação acadêmica em segundo plano, ou até mesmo, chegando a abortar precocemente de suas vidas tal perspectiva<sup>4</sup>.

Logo nos primeiros dias de aula em História da Educação, percebo que são essas senhoras que mais se tornam susceptíveis aos apontamentos de desconstrução da temporalidade histórica, que interpretam melhor as análises representações sociais e de gênero e acima de tudo, mostram-se interessadas nos questionamentos voltados ao comportamento humano em situações limítrofes, contextualizadas na violência urbana e familiar levantadas por elas. Quando estimuladas em sala de aula, conseguem estruturar quadros comparativos de situações que aconteceram anteriormente em suas vidas, presentificando-as em suas relações no cotidiano, apontando caminhos e noções de vida muito particulares e pontuais.

Nestes momentos singulares, observo que ao desenvolverem tais atitudes durante as aulas com o uso da narrativa<sup>5</sup> ao falar ou ao escrever, essas alunas acabam utilizando um instrumento pedagógico de valor inestimável para a formação do profissional. Na narrativa há material suficiente para proporcionar o aprendizado e a reconstrução de suas próprias experiências, tomando como base, também, histórias vividas por outros.

Neste sentido, esta experiência pode ser remodelada à luz de uma reflexão voltada para si, por meio da narrativa que passa a ter uma função importantíssima para o contexto das aulas. Para Walter Benjamin, “a verdadeira narrativa contém em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir em ensinamento moral, uma sugestão prática, como provérbio ou norma de vida”. Ainda para Benjamin, a narrativa pode aconselhar através de uma sugestão de continuidade da história narrada, pois “o homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação”<sup>6</sup>.

Assim, quando essas “donas de casa” durante as aulas falam ou escrevem, utilizando da narrativa, apresentam suas experiências adquiridas no decorrer da vida. Passam a refletir sobre sua própria situação presente, em um processo de cunho pessoal, abrindo a possibilidade de enxergarem-se como estão inseridas dentro da sociedade contemporânea, analisando, por exemplo, os principais pontos da educação difusa desenvolvida principalmente entre as comunidades tribais.

Os adultos demonstram muita paciência com os enganos infantis e respeitam o seu ritmo próprio. Por meio dessa educação difusa, de que todos participam, a criança toma conhecimento dos mitos dos ancestrais, desenvolve aguda percepção do mundo e aperfeiçoa suas habilidades<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> A participação de universitários com idades a partir de 23 anos teve aumento em dez anos: de 53,9% para 60,4%. Fonte: Instituto Data Popular, que apresentou dados relativos aos 6,2 milhões de universitários brasileiros no ano de 2012.

<sup>5</sup> Neste artigo tomaremos a noção de narrativa de Walter Benjamin como sendo “a experiência que passa de pessoa a pessoa (...)”. BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. Obras Escolhidas. Volume I, Brasiliense: São Paulo, 1985, p.198.

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. Obras Escolhidas. Volume I, Brasiliense: São Paulo, 1985, p.200.

<sup>7</sup> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia – Geral e do Brasil. 3ª edição. Moderna: São Paulo, 2006. p. 35.

Neste sentido, elas acabam sendo levadas a perceber o seu papel dentro da história, pois através da narrativa, partilham suas experiências e lembranças, resultando na reconstituição da memória, tanto individual quanto coletiva. Para Benjamin, o narrador conta o que retira da própria experiência e “incorpora as coisas narradas à experiências dos ouvintes”<sup>8</sup>. Rememoram sua infância no meio rural, as brincadeiras, conversas na taipa do fogão, contos e estórias do dia a dia, como também aquelas senhoras que foram criadas no meio urbano periférico de Brasília, que narram suas experiências nos primeiros anos de Ceilândia e Taguatinga, quando a maioria das ruas não tinham asfalto e estudavam em escolas precárias, entendendo assim que suas vivências são importantes para a compreensão da educação inserida no processo histórico visto aqui como algo que não se pode ater exclusivamente ao olhar sequencial das datas, ao tempo cronológico, homogêneo e vazio, que ofusca as temporalidades históricas<sup>9</sup>.

Fazer com que essas senhoras partilhem desta experiência narrativa em sala de aula tem como objetivo trazer à tona momentos a serem compartilhados, que podem ser utilizadas como referência ao questionamento de experiências pessoais e profissionais para formação docente no início de sua caminhada de retorno aos estudos no Ensino Superior, através da valorização do conhecimento adquirido experimentalmente ao longo de toda a sua vida.

O recurso pedagógico da narrativa trabalhada pelo professor em sala de aula com seus alunos pode levar à ampliação do campo educacional, onde o professor passa, a partir da própria experiência, a compreender mais da realidade social, cultural e econômica de seus alunos buscando desenvolver melhor seus planejamentos e condutas na sala de aula. Podem levar o professor a descobrir elementos que compõem o seu pensar e a sua prática profissional, fortalecendo suas atitudes e compreensão de sua importância nesta etapa singular da vida de seus alunos. Ensinar é um trabalho de reflexão crítica em que se analisam o ensino e a aprendizagem como tais.

Portanto, Benjamin nos alerta para o fato de que “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”<sup>10</sup>. Assim, as situações pequenas vividas no cotidiano dessas “donas de casa” e, também, os grandes acontecimentos que, juntando peça por peça, compõem um quebra-cabeça do universo das práticas e representações de uma sociedade, podem ou não ser percebidas pelo professor, mas se mostram muito relevantes para o conhecimento da História.

Edgar Morin<sup>11</sup> afirma que um grande empecilho para que haja a compreensão do outro é a diminuição do outro. Estas mulheres em sua grande maioria mostram em suas narrativas que por muito tempo foram tidas como inferiores, como menos inteligentes por estarem lidando “apenas” com seus afazeres domésticos. Tais comportamentos contribuem para o difícil

<sup>8</sup> Idem. p. 201.

<sup>9</sup> COSTA, Cléria Botelho da. “Apresentação”. In COSTA, Cléria Botelho da. Um Passeio com Clio. Brasília:Paralelo 15,2002. p. 07.

<sup>10</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de História”. Obras Escolhidas. Volume II, Brasiliense: São Paulo, 1985, p.223.

<sup>11</sup> MORIN, Edgar. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, DF: UNESCO, 2000.

acesso dessas mulheres ao ensino superior. Hoje, porém, essas mulheres aos poucos já conseguem ultrapassar a construção social que se criou a respeito do lugar que deveriam ocupar na sociedade, e buscam assim, desde o 1º semestre poder entender cada vez mais seu papel social.

Após esta experiência narrativa, essas senhoras retornam aos seus lares com uma perspectiva do ambiente acadêmico em que puderam contribuir no processo de ensino-aprendizagem de forma direta. Passam a repassar tais experiências no ambiente familiar e nas comunidades em que vivem. No caso das “donas de casa”, as reminiscências constituem-se um modo de “saborear sempre com renovada intensidade os triunfos e vitórias”<sup>12</sup>. São também formas de entender e rememorar as mudanças recentes em suas vidas, agora representadas como estudantes de uma faculdade e não somente trabalhadoras do lar.

### **Conclusão**

A compreensão da importância do trabalho do professor com esses alunos do 1º semestre perpassa constantemente por este tipo de abordagem. Contudo, o professor também pode utilizar de uma variada metodologia de ensino com outras fontes de pesquisa para contextualizar a prática da reflexão em sala de aula. O importante é entender que os alunos podem passar a ter a noção concreta e objetiva do que vem a ser esta nova etapa de suas vidas como estudantes no Ensino Superior, produzindo narrativas que reflitam sua relação com as mudanças e exigências do mundo contemporâneo, em momentos singulares das temáticas desenvolvidas nas salas de aula do contexto acadêmico.

---

<sup>12</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. “Rua de mão única”. Obras Escolhidas. Volume I, Brasiliense: São Paulo, 1985.